

PERSPECTIVAS PARA A V CELAM EM APARECIDA

* Professor de Teologia no
ITESP.

*Marlos Aurélio da Silva**

Resumo:

Marlos Aurélio da Silva tendo em vista o V CELAM em Aparecida, apresenta em linhas gerais e a partir da perspectiva histórica destas conferências, uma série de temas que a seu ver seriam importantes serem considerados. Esperando que um Espírito vivificador e de esperança esteja presente no Vale do Paraíba, o autor elenca uma série de temas importantes a serem considerados: uma relação mais vital entre a fé e a vida, a formação cristã mais sólida, a consideração do locus teológico do pobre, a aproximação do povo, o desafio urbano, a crise das estruturas familiares, a cultura mediática e a necessidade de diálogo com os outros e a ecologia. Espera também dos bispos ali presentes, uma voz profética e de esperança.

Palavras-chaves: *Aparecida: V CELAM, América Latina: Igreja; Igreja: desafios.*

Abstract: *Having in mind the 5th Latin American Bishops Meeting at Aparecida, Marlos Aurelio da Silva presents in broad ways and in a historical view of such a conferences, some subjects he sees as central at this moment, in the hope of a new blow of the Spirit of life: the relationship between life and faith, Christian deep formation, the locus of the poor in the theology, a more closeness to the people, the challenges of urban pastoral, the family structures crisis, media culture, dialogue with the others and ecology. Da Silva hopes also hear a prophetic voice from the bishops.*

Key Words: *Aparecida: 5th CELAM; Latin America: Bishops Conference; Church: challenges.*

INTRODUÇÃO

De antemão, é importante considerar que aquilo que pasaremos a apresentar reflete tão somente uma leitura prospectiva de um evento marcante da vida eclesial, mas que poderá ter outro desfecho muito diferente do que será por nós indicado. Contudo, não nos sentiremos por causa disso frustrados em nossas expectativas, pois na verdade não se trata jamais de futurologia inconsistente.¹ Aliás, aqui é preciso salvaguardar a magnitude que o imprevisível comporta em coisas desta natureza. Entretanto, mesmo assim, acreditamos ser válido sinalizar algo em torno daquilo que é a aspiração que brota do nosso contexto social e eclesial.

Além disso, escapa ao nosso propósito querer exaurir tudo o que se possa projetar ou esperar sobre a CELAM. Nossa modesta contribuição se insere no conjunto de muitas outras formas de análise, todas igualmente importantes, porém sempre relativas e parciais. Afinal, um acontecimento vale por aquilo que é e pelo que deve ser com sua força antecipadora! Pois, *a Igreja não é só Igreja da fé e da caridade. É também Igreja da esperança.*² Por isso, tem sentido acreditar e esperar!

Em síntese, um misto de intuições, desejos e percepções a partir de nossa realidade perfará o texto que segue.

1. POR QUE UMA CONFERÊNCIA EPISCOPAL PARA A AMÉRICA LATINA E CARIBE?

Como instituição, a Igreja também tem necessidade de tempos em tempos reunir seus representantes para revisar e planejar sua vida e missão. Mormente em conjunturas como a nossa na qual a velocidade das mudanças tem sido intensa. Da análise que se faz da realidade, avaliando e percebendo as tendências e desafios existentes num contexto mais amplo que o seu, depende o alcance e pertinência da sua própria atuação. Justamente por isso nos causa certa perplexidade a morosidade com que a Igreja trata a realização destas Conferências. Pois, desde 2001 os bispos latino-americanos já haviam pedido a realização desta V CELAM. Portanto, não é sem tempo sua ocorrência!

E conforme já é sobejamente sabido, nosso continente goza de uma situação privilegiada, sendo ainda no momento presente, *a maior reserva de religiosidade cristã da Igreja universal.*³ Portanto, não se pode menosprezar este dado que remete à própria vitalidade da presença eclesial nesta parte do Globo. E, por conseguinte, isso lhe cobra uma grande responsabilidade de não permitir que seu dinamismo seja tragado pela inércia institucional.

¹ Cf. J. B. LIBÂNIO, *Olhando para o futuro*. Prospectivas teológicas e pastorais do Cristianismo na América Latina. São Paulo, Loyola, 2003, pp. 21-22. Aplicamos aqui o termo *prospectiva* do modo como o autor apresenta em sua obra.

² Cf. C. BOFF, *Uma Igreja para o novo milênio*. São Paulo, Paulus, 2003, p. 32.

³ Cf. M. de FRANÇA MIRANDA, *A Igreja numa sociedade fragmentada*. São Paulo, Loyola, 2006, p. 159.

Junte-se a isso o fato de que já existe um lastro consolidado de experiências que permitiram delinear os traços peculiares da Igreja neste continente. Aliás, o CELAM é a *primeira organização continental de bispos da Igreja Católica*.⁴ Devido ao esforço já engendrado no passado para tornar a mensagem do Evangelho encarnada em nossa realidade, há motivos de sobra para auspiciar que se realize um encontro que seja digno da história que foi construída e por aquilo que está por vir.⁵

⁴ Cf. S. PIÉ-NINOT, Celam. *Dicionário de Ecclesiológia*, p. 156.

⁵ O legado das Conferências anteriores está sobretudo nas opções proféticas e evangélicas que fizeram. *A tradição do Concílio na recepção de Medellín merece ser retida com coragem e tenacidade*. Cf. J. B. LIBÂNIO, Aparecida: desejos e esperanças. Em *JORNAL SANTUÁRIO*, 2007, 3 a 9 de fevereiro, p. 3.

⁶ *Por causa da influência que o CELAM foi adquirindo na vida eclesial, grupos conservadores o assumem a partir do ano de 1972, com o que se perdeu muito da sua tônica original*. Cf. R. OLIVEROS, Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição latino-americana. Em *Convergência*, 42(2007), p. 24. E para uma visão panorâmica da *evolução eclesial na América Latina nas últimas décadas* cf. J. B. LIBÂNIO, *A caminho da V Conferência de Aparecida*. Em *PERSPECTIVA TEOLÓGICA*, 38 (2006), pp. 190-191.

⁷ *A Igreja do Brasil tem uma dívida a pagar nesta Conferência. E quem sabe Bento XVI, ao escolher Aparecida, também sentiu esta, ou outras dívidas para com a própria Igreja do Brasil. Ele tem a grande oportunidade de quitar estas dívidas com os discursos que ele fará no Brasil, especialmente na abertura da Conferência em Aparecida*. Cf. D. VALENTINI, *Expectativas da Quinta Conferência*, p. 2. Veja dados do site 1 no final.

⁸ A literatura deste tema em visão retrospectiva é abundante. Cf. A. LORSCHIEDER, *A caminho da 5ª Conferência geral do Episcopado latino-americano e caribenho. Retrospectiva histórica*. Aparecida, Santuário, 2006.

⁹ Cf. J. B. LIBÂNIO, *Aparecida: desejos e esperanças*, op. cit. p. 3.

2. E EM APARECIDA, NO VALE DO PARAÍBA, O ESPÍRITO SOPRARÁ?

Ainda que eu caminhe por um vale tenebroso, nenhum mal temerei, pois estás junto a mim; teu bastão e teu cajado me deixam tranqüilo (Sl 23,4). A impressão que se tem é que o incerto está a nossa frente e que o ceticismo tende a dominar nossas expectativas por causa da estação invernal que abateu sobre a Igreja nos últimos tempos.⁶

Nesse sentido, por saber que o discurso inaugural do papa na abertura de uma Conferência condiciona grande parte de seu desdobramento posterior, existe em particular para esta, tanta curiosidade em saber que tonalidade lhe será dada pelo atual pontífice. Pois, Bento XVI, quando era o prefeito da Congregação para a Doutrina da Fé, não comungou de muitas das posições e conclusões de grande parte dos teólogos latino-americanos identificados com a Teologia da Libertação. Porém, na função que ocupa atualmente, poderá ser mais tolerante sem permitir, contudo que a nau navegue a esmo ou numa direção muito contrária à sua. Portanto, tem razão paillar a expectativa e a apreensão por aquilo que pode ser o desenrolar desta conferência. E, tanto verdade como isso, seria o desastre que poderia representar uma intervenção arbitrária na tentativa de cancelar uma memória eclesial que marcou e definiu a Igreja neste Continente.⁷

Destarte, não seria supérfluo nem difícil evocar aqui um resgate histórico das Conferências anteriores com seus alcances e limites.⁸ Aliás, para se tratar desta que está na iminência de acontecer, faz-se mister um olhar retrospectivo das demais em seus devidos contextos e conjunturas. Mas em razão do escopo que perseguimos neste artigo e pelo limite de espaço que temos, damos isso por pressuposto.

De qualquer maneira, é preciso ser realista o suficiente para pensar que esta CELAM *não inaugura nenhuma tradição nem pretende romper com ela, mas pode direcioná-la mais para uma direção que outra*.⁹ É de esperar que haja tensões, pois existem modelos eclesiais contrastantes e as expectativas dos partici-

pantes são diferentes. Além disso, o contexto social e eclesial que vivemos hoje é mais plural e complexo que todos os outros de quando houve as Conferências anteriores. E quando se trata de entender a realidade e nela fazer opções, muitas conseqüências brotam para a prática de vida e de fé.¹⁰ Contudo, o que não pode ser negligenciado, sem grandes prejuízos, são os apelos e reclamos que ecoam deste tempo.¹¹

Portanto, queremos acreditar de modo despretenso que é possível entrever algo que certamente estará na agenda dos participantes desta V Celam. Mas, se tomássemos unicamente como ponto de partida o *Documento de Participação* poderíamos correr o risco de restringir por demais nossas expectativas, mesmo, porque segundo a análise de tantos, este não promete muito pela metodologia dedutiva adotada, pela concepção cristológica, eclesiológica etc que apresenta.¹² Deste modo, julgamos ser relevante e importante captar os anseios latentes na vida de nossas comunidades cristãs e nas urgências e desafios de cada dia daqueles(as) que teimosamente querem viver e guiar-se pela fé.

3. O QUE NÃO DEVERIA E NÃO PODERIA FALTAR

Conforme acenamos anteriormente a pertinência desta V CELAM estará em posicionar-se dentro do contexto atual perguntando-se quais são os desafios para a vida cristã e para a evangelização. É nesta linha que optamos em fazer um inventário de realidades que impreterivelmente terão de ser contempladas neste evento eclesial.

É evidente e indiscutível que em nosso continente, mais que reclamar por ortodoxia, na verdade temos um desafio no âmbito da ortopraxis. Pois, já está impressa a marca do catolicismo em nossa gente e em nossas culturas. Porém, a carência ainda está numa postura político-social condizente com os princípios da vida cristã, explicitados na Doutrina Social da Igreja Católica. Daí que tem de haver um esforço evangelizador que vise justamente diminuir este abismo que separa a religião da vida pública. E neste sentido, de onde talvez se esperasse mais iniciativas e exemplos de cuidados pelas coisas do bem-comum, é que brota nossa maior indignação. Pois o âmbito do exercício político partidário tem se mostrado inoperante e tem feito adiar por demais o sonho de uma sociedade mais justa e ética. A corrupção que grassa nesta esfera e a crescente desigualdade que continua assolando nosso continente despontam como terrenos a serem fecundados pelo Evangelho e pela ação evangelizadora de uma Igreja que tem a coragem de se

¹⁰ Cf. J. B. LIBÂNIO, *Igreja contemporânea*. Encontro com a modernidade. São Paulo, Loyola, 2000, pp. 153-176.

¹¹ *Uma acrescida consciência do valor da pessoa humana, uma razão crítica que não mais acolhe o tradicional por ser tal, uma maior sensibilidade social, uma insegurança generalizada pela velocidade das transformações em curso, uma crise das diversas instituições sociais incapazes de andar no mesmo ritmo, uma crescente desigualdade social, uma generalizada corrupção da classe política são outros tantos fatores que desafiam hoje a Igreja entre nós*. Cf. M. de FRANÇA MIRANDA, Mário de. *A Igreja numa sociedade fragmentada*, op. cit., p. 161.

¹² Cf. A. BRIGHENTI, *V Conferência do Episcopado da América Latina*. Nesta mesma linha há a crítica do bispo emérito de Palencia, Nicolas Castellanos. Veja dados de sites 2, no final deste artigo.

¹³ A formação teológica não é mais um luxo para católicos desocupados, mas uma necessidade para todos os cristãos na sociedade em que vivemos. Nunca foi tão verdadeira como em nossos dias a proclamação por uma nova evangelização, que ponha fim ao déficit teológico crônico de nossas populações. Cf. M. de FRANÇA MIRANDA, Mário de, *A Igreja numa sociedade fragmentada*, op. cit., p. 170.

¹⁴ Estamos em uma nova época cultural pós-moderna e da imagem, com um impressionante avanço da cibernética e dos meios de comunicação. Ao contrário, a pobreza e as injustiças que milhões de pessoas sofrem é bem antiga e vai se agravando com novas formas de marginalização e exclusão de milhões de pessoas. Na América Latina, a desigualdade alcançou níveis históricos. A pobreza e as suas conseqüências passou [sic] para o primeiro plano até para instituições como o FMI e o Banco Mundial. Sem dúvida, no atual contexto mundial, viver a opção evangélica profética pelos pobres, aparece, cada vez mais, como um esperar contra toda esperança. Cf. R. OLIVEROS, Antecedentes da V Conferência Geral do Episcopado na tradição latino-americana, op. cit., p. 35.

¹⁵ Cf. F. J. COMBLIN, *Um novo amanhecer da Igreja?* Petrópolis, Vozes, 2003, pp. 11-14.

¹⁶ Cf. L. BOFF, *Novas fronteiras da Igreja*. O futuro de um povo a caminho. Campinas, Verus, 2004, pp. 73-142. É óbvio que nossa motivação não pode ser proselitista. Mas por coerência com o Evangelho, temos de evitar que tantas pessoas sejam enganadas pelas Igrejas.

¹⁷ Cf. J. COMBLIN, *Viver na cidade*. Pistas para a pastoral urbana. São Paulo, Paulus, 1996, pp. 54-55.

posicionar profeticamente neste momento da História, evitando os discursos anacrônicos sem eficácia alguma.

Por isso então, a esperança de que o Projeto de Missão pensado para todo o Continente após esta V CELAM possa ser de sapiencial decisão quanto à qualidade de evangelização que almejamos.¹³ Está comprovado que uma cultura católica apenas não resolve nossos problemas. Se de fato não houver maior cuidado com a formação espiritual e teológica do povo de Deus, será difícil enfrentar os desafios hodiernos e ulteriores e realizar a tão necessária ligação da fé com a vida, dando as razões daquilo em que realmente acreditamos.

E na era da globalização e de neoliberalismo, os emergentes mais notáveis são de fato os novos pobres, ou seja, aqueles que são excluídos porque não acessam, afinal, esta é também a era do acesso! Eis o novo jeito de gerar exclusão! Entretanto, a questão dos pobres não poderá ser uma entre tantas outras a serem tratadas pela V CELAM.¹⁴ Aqui se joga definitivamente aquilo que dará a identidade desta Igreja e de sua missão. É o que foi tão bem captado por Jon Sobrino quando diz do *extra pauperes nulla salus*, entendendo o pobre como sujeito de uma sociedade justa e solidária. Afinal, estamos situados no continente da pobreza!¹⁵ A convocação da Igreja latino-americana que soaria mais cristã e pertinente para o momento seria a de uma cultura de solidariedade em tempo de globalização excludora.

No que concerne ao campo propriamente religioso, mais que evocar números que novamente confirmarão a migração religiosa/eclesial católica para as Igrejas evangélicas é hora de perguntar-se pelas causas disso. Não seria uma delas o nosso abandono do mundo popular?¹⁶ Bem como a falta de acreditar e potencializar nossos leigos em seu real protagonismo, em especial as mulheres? Temos de decidir se optaremos por conservar o clericalismo em vista de uma Igreja do futuro somente para o clero ou por acreditar e fazer de tudo para que a Igreja Povo de Deus se realize com a valorização de todos os ministérios. Por conseguinte, não se pode esperar que o burocratismo responda a nossos problemas. Se não houver uma aposta séria nas pequenas comunidades que demande responsabilidade e compromisso cristão e eclesial, estaremos fadados a garantir as estruturas, todavia perderemos as pessoas.

A pastoral urbana recolocará à Igreja muitas questões vitais e urgentes. Ela não poderá furtrar-se deste embate. Não se poderá responder aos desafios atuais na pastoral com métodos obsoletos que visavam um contexto marcadamente rural e agrícola. Muito menos ainda viver na cidade como se não fizesse parte dela.¹⁷ É hora de a Igreja flexibilizar suas estruturas em

vista do serviço que deseja prestar às pessoas, sem tornar-se refém de modismos, contudo firmando-se como espaço alternativo e de acolhida no caos urbano. Por mais paradoxal que possa parecer, mas em tempos de exacerbados individualismos, é preciso continuar apostando na formação de comunidades.

Em tempos de crises das instituições, facilmente nos recordamos da família que sofreu tantas alterações em sua configuração. Porém, continua sendo tratada pela Igreja como se nada tivesse ocorrido em seu seio, ou quando muito, aproveita somente para lamentar suas perdas. Ora, a exigência que se requer é de realizar uma pastoral familiar dentro do que é real e considerando as pluralidades existentes. E um cuidado especial se deve ter para com os jovens que se sentem constantemente ameaçados em suas esperanças, pois as chances de realização profissional, humana e relacional vão tornando-se exíguas. Isso sinaliza para o comprometimento de gerações e de rumos novos para toda a sociedade.

A pós-modernidade propicia uma postura de relativismo e fundamentalismo que atinge a vivência cristã e religiosa em sua raiz.¹⁸ Em contrapartida ainda resta algo de contribuição peculiar que os cristãos podem e devem oferecer à medida que tiverem clareza e consciência da mensagem do Evangelho.¹⁹ *A Igreja que, com o Concílio Vaticano II, entrou na modernidade depois de quatro séculos de hesitação, é chamada agora a fazer mudanças muito mais rápidas dentro de tempo recorde. Instituição de porte mundial e de tradição bimilenar, facilmente presa de seu gigantismo, está a viver a era das mudanças, do provisório, do descartável, da fragmentação, do pluralismo. Responder ou não a tal momento é seu destino. Responder não significa necessariamente adotar acriticamente o ethos da pós-modernidade, mas, em entendendo-o, oferecer-lhe propostas viáveis e convencíveis.*²⁰ Neste sentido, cabe muito bem pensar o que poderá ser feito na pastoral enquanto vivemos numa cultura midiática. Se quisermos estabelecer verdadeiro contato com as pessoas, não podemos prescindir disso.

Na dimensão do diálogo é onde talvez a Igreja mais precise dilatar seus interesses. Pois são tantos os interlocutores: as ciências (novos conhecimentos), as várias denominações cristãs (históricas e atuais), as religiões etc. São desafios inadiáveis deste porte que somente com base num esforço conjunto, se poderá chegar a algum tipo de ganho comum.

O reclamo que brota em relação à ecologia é outro terreno para a profecia eclesial e que tem se tornado globalmente sentido. E tantos outros desafios que poderiam ser elencados aqui, mas que apenas apresentamos a título de menção, pois dada a complexidade, seria quase impossível tratar de todos em

¹⁸ Cf. A. BRIGHENTI, Agenor. *A Igreja do Futuro e o Futuro da Igreja*. Perspectivas para a evangelização na aurora do terceiro milênio. São Paulo, Paulus, 2004, pp. 41-48.

¹⁹ Cf. J. COMBLIN, *Os desafios da cidade no século XXI*. São Paulo, Paulus, 2003, pp. 47-50.

²⁰ Cf. J. LIBÂNIO, *Igreja contemporânea*, op. cit., pp. 188-189.

²¹ Transformações radicais que ocorrem, por exemplo, no campo da tecnociência, dos indivíduos (crise de identidades), da cultura, da sociedade (pós-social, secularização da secularização), dos sentidos, significados e significações, do âmbito religioso (a exculturação do Cristianismo e a auto-suficiência da sociedade sem religião) etc.

²² Cf. C. BOFF, *Uma Igreja para o novo milênio*, op. cit., p. 31.

²³ Basta lembrar que Medellín foi a que produziu o texto mais curto, mas com uma densidade que lhe deu o mérito de figurar entre todas a mais importante.

por menores.²¹ É óbvio que não caberá à Igreja a solução de todos os problemas sociais, pois ela *não tem sempre resposta imediata para todos os problemas*, como diz a Constituição *Gaudium et Spes* em seu número 33. Porém, existe uma contribuição que é específica dela, e, se for omissa, poderá comprometer sua própria credibilidade. Pois, em última instância, a exigência menos facultativa à Igreja atual é que ela se sinta necessitada de uma profunda conversão; de viver seu momento de *Kénosis* para que o Reino de Deus possa se expandir. Por isso, permanece válido o axioma eclesiológico de *Ecclesia semper reformanda est!* Aliás, somente assim, buscando responder de modo inovador aos desafios contemporâneos ela poderá cumprir bem sua missão e ser significativa para seus membros.

Enfim, é certo que o Espírito não deixará de se manifestar para além de todas as estratégias humanas e políticas que estarão presentes num acontecimento que tem muitos interesses em jogo. Contudo, *por mais que os cristãos façam esvaziar a força de irrupção da fé, existe nela um componente de rebeldia congênita impossível de evacuar. 'Não vos conformeis com esse mundo, mas renovai-vos em vosso entendimento'* (Rm 12,2).²² E sabemos o quanto existe de fé na vida de nossa gente que espera por uma decisão de rumo da Igreja!

Portanto, seria muito triste menosprezar essa riqueza, fazendo da CELAM apenas um encontro para se produzir documentos. Assim, o desejo mais ardente é que nesta CELAM se façam menos discursos, menos documentos e mais discernimentos, mais projetos pastorais com fundamentação teológica e alcance para nossa realidade.²³ Que o papa venha sim confirmar nossa fé, e seja também confirmado a ele nosso sonho de ser uma Igreja encarnada em nossa realidade e cumprindo nossa missão de conduzir as pessoas à condição de vida mais digna.

4. TRANSFORMAM O VALE DA ARIDEZ NUMA FONTE BORBULHANTE (SI 83,7)

Indubitavelmente somos uma Igreja que realmente goza de vitalidade. Por isso mesmo temos de aproveitar responsavelmente do momento que Deus está nos concedendo viver e experimentar nesta história que vamos construindo. Todavia, sem nos acomodar, pois ainda há muito a ser feito. Basta ver como cresce em ritmo acelerado o indiferentismo religioso (na verdade uma aversão mais às Igrejas) no Brasil e a qualidade de fé que nossa gente nutre, ou seja, são situações de crença que refletem quase um estágio de quem ainda não foi evange-

lizado.²⁴ Em contrapartida, se a Igreja novamente voltar-se somente para suas preocupações internas de organização e doutrina, perderá a grande oportunidade de dialogar com esse mundo e de avançar nas conquistas já realizadas. É por isso, que esta V CELAM deve *resgatar as opções fundamentais da Igreja do Continente e resistir às forças que as vêm minando desde décadas*.²⁵

Com frequência, ouve-se dizer que falta ainda efetivar algumas propostas do Concílio Vaticano II. Portanto, aí está uma oportunidade imperdível de nossos bispos traduzirem o alcance disso para nossa realidade. Aliás, a partir de um espírito de colegialidade praticável, eles devem se unir para que isso se realize. Mas para tal empresa, eles precisariam de fato se sentir livres e responsáveis para dizer o que precisa ser dito.²⁶ Oxalá, que os bispos sejam os *novos bárbaros* deste império nefasto que quase tenta abortar nossa esperança continental!

A V CELAM poderá ser uma voz profética de resistência aos que querem instrumentalizar a fé ou perpetuar a desesperança (quase desespero) do povo. Se a Igreja se comprometer definitivamente com os segmentos sociais que desejam dignificar essa história humana, teremos chance de ser uma instituição significativa no processo de libertação da nossa gente. E somente assim se poderá dizer com propriedade que esta conferência foi de fato um momento kairológico para a Igreja deste continente e que ainda há razões para se continuar esperando.²⁷ Ora, o Espírito seguramente sopra para esta direção, pois Ele é gerador de vida e de liberdade até mesmo onde aparentemente seria impossível! E encoraja-nos saber que Deus mesmo é nosso bastião nas horas difíceis. E a história nos testifica a força desestabilizadora de sua graça capaz de reverter e subverter situações!

Se a Igreja se eximisse disso fazendo um caminho contrário, poderia incorrer no risco de tornar-se uma instituição registrada nos livros de história, mas desconhecida das novas gerações. Portanto, o anseio é de que futuramente, ao evocar-mos a CELAM de Aparecida, possamos nos lembrar de uma Igreja viva, livre e comprometida! Que o Vale do Paraíba não se torne, para nossa esperança, o vale de lágrimas, mas do lugar teológico no qual nossos sonhos ganhem consistência e densidade como na fisionomia afro-latina de Maria, em Aparecida!

Dados de sites:

1. <http://www.proconcil.org:80/document/VCELAM/belohorizonte.htm>, acessado em 21 de março de 2007.

2. www.adital.com.br; www.proconcil.org/document/Especiales/VCGELC/00VCELAM.htm

²⁴ Cf. C. SOARES, Em que você acredita? *Seleções Reader's Digest*, 12 (2006), p. 96-101.

²⁵ Cf. J. B. LIBÂNIO, J. B. A caminho da V Conferência de Aparecida, op. cit., p. 202.

²⁶ Eles precisariam se sentir ao mesmo tempo pastores e porta-vozes do povo cristão, sendo por isso, exímios conhecedores das lutas e sacrifícios da nossa gente. Mas infelizmente esqueceu-se que episkopein, na linguagem da Bíblia Grega, significa olhar por e entendeu-se o termo episkopos no sentido de inspetor. Deveria antes refletir um olhar de cima, de quem contempla os fiéis, o povo, os pobres, a realidade com os olhos misericordiosos de Deus e que confere ao ministério uma missão, uma tarefa e não um simples cargo. Editorial, *Perspectiva Teológica*, 38 (2006), p. 183.

²⁷ Sobre tudo pelo respeito que se ... possa desenvolver uma pastoral adequada a essa situação, que não se envergonhe de ser específica, regional, contextualizada. Cf. M. de FRANÇA MIRANDA, M. A Igreja numa sociedade fragmentada, op. cit., p. 167.